

TOPONÍMIA DE ORIGEM ÁRABE EM RUAS DE BELO HORIZONTE

Jéssica Nayra Sayão de Paula

Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras

Resumo

Este trabalho teve como objetivo realizar pesquisa linguística, com enfoque no léxico toponímico urbano de Belo Horizonte, analisando, dentre o total de logradouros públicos que há na cidade, 68 topônimos de origem árabe. O estudo se integra ao Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – coordenado e desenvolvido na Faculdade de Letras da UFMG, pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. A proposta desta pesquisa é demonstrar que o estudo dos nomes de lugares possibilita resgatar parte da história e da cultura local de uma comunidade, uma vez que a toponímia evidencia marcas da história social. Os resultados obtidos mostraram a predominância dos antropotopônimos que se destacaram na capital mineira, principalmente, na área do comércio.

Palavras-chave: Toponímia; memória; Belo Horizonte; Minas Gerais; árabes.

Abstract

This work aimed to conduct a linguistic research, focusing on the urban toponymic lexicon of BH, analyzing, among the total number of public places in the city, 68 toponyms of Arab origin. The study is part of the ATEMIG Project – Toponymic Atlas of the State of Minas Gerais – coordinated and developed at the FALE at UFMG, by Dr. Maria Cândida Seabra. The purpose of this research is to demonstrate that the study of place names makes it possible to rescue part of the history and local culture of a community, since the toponymy evidences marks of social history. The results obtained showed the predominance of anthropotoponyms that stood out in the capital of MG, mainly in the area of commerce.

Keywords: Toponymy; memory; Belo Horizonte; Minas Gerais; arabs.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa tem como objetivo o estudo toponímico em ruas da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, motivados por nomes de origem árabe. É um trabalho que se integra ao Projeto ATEMIG – *Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais*, coordenado e desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, desde março de 2005, pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, projeto esse que se caracteriza como o estudo dos nomes de lugar na área de abrangência de todo o território mineiro.

A questão da imigração é ainda muito pouco estudada. Em se tratando da nomeação de ruas em Belo Horizonte, motivada por nomes árabes, não se tem conhecimento de nenhum outro trabalho. Assim sendo, nesta pesquisa, pretende-se contribuir, não só para os estudos toponímicos, mas também, para o resgate da memória e cultura da capital mineira. Acredita-se que muitos imigrantes, além do trabalho que desenvolveram nessa capital, deixaram marcas culturais que precisam ser resgatadas, dentre elas, a motivação toponímica.

Em "Fundamentos teóricos", a conceituação do Léxico e suas implicações são apresentados. Em seguida, são definidas a Onomástica e suas duas vertentes – a Antroponímia e a Toponímia. Em "Procedimentos metodológicos", são apresentados: o

objetivo geral, os objetivos específicos, destacam-se os métodos utilizados para realização da pesquisa e a confecção das "Fichas Toponímicas". Em "Apresentação, Descrição e Análise do *corpus*", são apresentadas as quantificações (por meio de tabelas) e os resultados encontrados em geral, tendo em vista, as taxionomias e as origens linguísticas dos topônimos catalogados. Em "Considerações finais", retomaremos os principais aspectos discutidos nos capítulos anteriores e os resultados obtidos a partir das análises desenvolvidas.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Léxico

Consiste o léxico em um conjunto de vocábulos de uma determinada língua natural, o qual se constitui como um sistema linguístico aberto, dinâmico e sem limites precisos e definidos, devido a sua abrangência. Essa abrangência se relaciona à vivência de uma comunidade e, portanto, ao acervo cultural de cada sociedade.

É oportuno lembrar que as mudanças culturais e sociais permanecem no vocabulário de uma língua, uma vez que é, no nível do léxico, o sistema linguístico responsável por registrar os acontecimentos e a categorização de experiências, que se perpetuam as palavras e, conseqüentemente, a cultura. Segundo Biderman (1998, p.12):

[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras.

Com base nessa reflexão, é possível afirmar que o processo de nomeação de seres humanos e objetos não se dá de maneira fortuita. Levando-se em consideração que o léxico reflete o ambiente¹ social de seus falantes, podemos observar e identificar características lexicais distintas em comunidades linguísticas diversas.

Considerada como um complexo de símbolos que reflete o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo "ambiente" tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como as características físicas de uma região; já por fatores sociais, se entendem as várias forças da sociedade, que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais, estão: a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Embora constatado que o léxico é o sistema da língua que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes, a rigor, admitimos que o ambiente físico só se reflete na língua, à medida em que atuaram sobre ele, as forças sociais, ou seja, os elementos culturais.

Onomástica: Antroponímia e Toponímia

Caracteriza-se a Onomástica como a ciência da linguagem que tem como objeto de estudo os nomes próprios. Divide-se em: *Antroponímia* e *Toponímia*. A Antroponímia

tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, parentais, sobrenomes, alcunhas ou apelidos; enquanto que a Toponímia investiga os estudos dos nomes próprios de lugares. Ambas se constituem de elementos linguísticos, os quais conservam traços denominativos antigos.

Identificando nomes e mostrando como o processo de nomeação reflete importantes aspectos dos valores sociais, culturais e políticos de uma determinada sociedade, a Onomástica se apoia em conhecimentos extralinguísticos de um povo, recuperando e reconhecendo a memória cultural de comunidades específicas, constituindo uma fonte rica de informações linguísticas, culturais, religiosas e ideológicas.

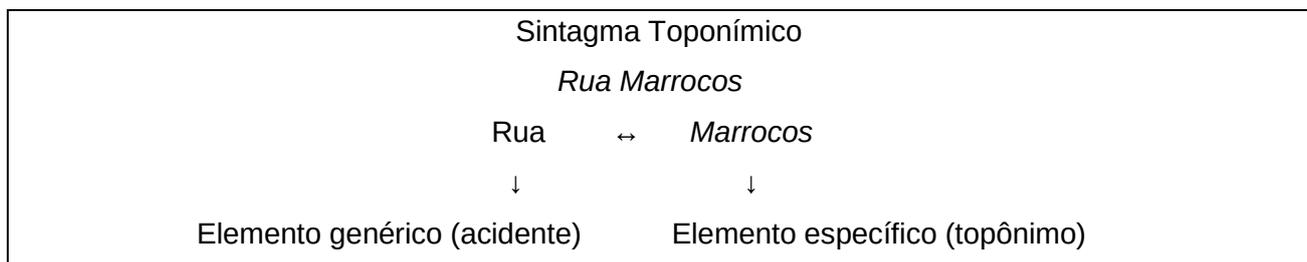
Sobre a Toponímia, afirma Dick (1990b, p.17):

Desde os tempos mais remotos, o homem sempre deu nome aos lugares. E o sentido desses denominativos é o ponto de partida para investigações no campo da linguística, geografia, antropologia, psicossociologia, enfim, da cultura em geral.

Cabe à Toponímia, investigar o caráter motivador do nome de lugar. Com isso, podemos dizer que o signo toponímico apresenta um caráter identitário, uma vez que retira o objeto nomeado do anonimato, a partir do momento em que estabelece relações simbólicas e icônicas com o meio social.

Ao designar o nome próprio de lugar, o topônimo une-se ao acidente geográfico que o identifica, constituindo uma relação binômica. Dessa união, podemos extrair dois dados básicos convencionalmente denominados: a) o *termo* (ou *elemento genérico*), que corresponde ao acidente geográfico que receberá a denominação; e b) o *elemento* (ou *termo específico*), topônimo propriamente dito, que “particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes”², constituindo assim, o sintagma ou signo toponímico. Para exemplificar, é possível dizer que o sintagma toponímico *Rua Marrocos* une o acidente geográfico *rua* e o topônimo, propriamente dito, *Marrocos*, conforme mostrado no Quadro 1.

Quadro 1: Sintagma toponímico.



Elaborado pela autora.

Para DICK (1990a), a pesquisa toponímica apresenta uma projeção aproximativa do real, pois os nomes próprios deixam de ser repositórios linguísticos para possuírem uma importância na organização espacial. Em se tratando especificamente dos nomes de ruas, Dick (1997, p. 31) ressalta que:

A rua é o caminho melhorado, do ponto de vista de sua morfologia, e, semanticamente, a rua é um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. A rua tudo testemunha, numa atitude cúmplice de aceitação.

À *Toponímia Urbana*, cabem os estudos dos nomes próprios de lugares que se dedicam às ruas, praças, enfim, aos logradouros públicos presentes nas cidades. São estudos importantes para a *Ciência Onomástica*, uma vez que o signo toponímico vai além da simples nomeação, revela aspectos culturais, sendo capaz de estabelecer conexões entre épocas distintas, por meio da reconstrução histórica de grupos humanos que foram significativos para a composição de um espaço.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Objetivo geral

Realizar pesquisa linguística, com enfoque no léxico toponímico urbano de Belo Horizonte, analisando, dentre o total de logradouros públicos que há na cidade, os nomeados por topônimos de origem árabe.

Objetivos específicos

- 1) Realizar um levantamento geral de todos os logradouros de Belo Horizonte, identificando aqueles que foram denominados por topônimos de origem árabe;
- 2) Descrever todos esses topônimos em fichas toponímicas, a fim de compor o Banco de Dados de Toponímia Urbana do Projeto ATEMIG;
- 3) Contabilizar as taxionomias predominantes;
- 4) Recuperar a origem e a história desses topônimos, por meio de pesquisas em bibliotecas, arquivos e museus da cidade; e na história oral, relatada pelos seus descendentes vivos ou por pessoas que, direta ou indiretamente, estavam relacionadas a tais imigrantes;
- 5) Verificar qual o papel desempenhado pelos imigrantes árabes na sociedade belo-horizontina;
- 6) Averiguar se os moradores e, em especial, os árabes residentes em Belo Horizonte, conhecem a história das pessoas que nomeiam as ruas;
- 7) Atestar a ocorrência de variação e de mudança³ nos topônimos que foram motivados por nomes árabes;
- 8) Relacionar, se possível, os topônimos à história social.

A coleta do Corpus

Com o objetivo de selecionar os topônimos de origem árabe que nomeiam ruas de Belo Horizonte, inicialmente, tivemos contato com os mapas fornecidos pela Prodabel, cujo acesso se dá pela Internet. Não se mostrando satisfatório, passamos a mapear cada rua, tendo em vista as nove regionais em que se divide a cidade, a saber: Barreiro, Centro Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova.

Depois de um trabalho de análise para observarmos a origem dos topônimos, detectamos 68 topônimos de origem árabe. Submetemos esses 68 nomes de ruas ao modelo taxionômico de Dick (1990b, p. 31-33), com o objetivo de esclarecer a motivação toponímica dos logradouros.

Procuramos conhecer a legislação municipal que trata da nomeação de ruas, avenidas, parques e praças da cidade de Belo Horizonte. Os documentos consultados são pertencentes à Câmara Municipal de Belo Horizonte, a qual detém grande parte dos decretos e leis que efetivaram a nomeação dos logradouros analisados. Foram realizadas ainda, entrevistas com familiares ou pessoas ligadas por algum vínculo com o nome das personalidades homenageadas como topônimos.

Após o levantamento do *corpus*, e, também, de uma exaustiva pesquisa, buscamos sistematizar os dados selecionados em fichas toponímicas (Quadro 2), para posterior análise qualitativa e quantitativa, de acordo com o modelo apresentado a seguir, adaptado de Filgueiras (2011), cujo trabalho versa sobre *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte*.

Quadro 2: Modelo de Ficha Toponímica.

INFORMAÇÕES SOBRE O LOGRADOURO		
Nome oficial no mapa do município: Nome anterior: Localização: Bairro: Pampulha	Legislação: Código: Regional:	Foto
IMAGEM DA PLANTA	FOTOS DAS PLACAS	
DADOS		
PLANTA	PLACAS	ORAL
	1ª) 2ª)	1ª) 2ª) 3ª)
DADOS BIOGRÁFICOS:		
FONTES:		

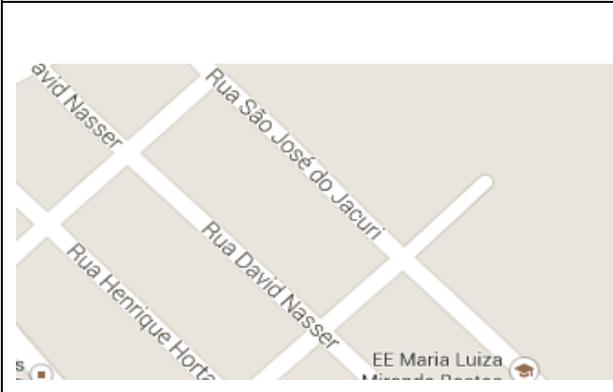
Elaborado pela autora.

Fichas Toponímicas

A organização em fichas lexicográficas toponímicas é importante porque, de acordo com Seabra (2004, p. 47), “a ficha lexicográfica pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicá-lo e classificá-lo”. Para sistematização e análise do *corpus* da pesquisa, foram utilizadas fichas toponímicas, baseadas no modelo de Filgueiras (2011). O Quadro 3 apresenta o exemplo de uma das fichas preenchidas. Essa ficha se compõe dos seguintes campos:

- i) Informações sobre o logradouro: detalhes descritivos e, quando possível, uma foto da personalidade e do local;
- ii) Imagem da planta: localização da rua em mapa;
- iii) Dados: referem-se ao nome da rua na planta, nas placas e nas entrevistas;
- iv) Dados biográficos: referem-se à vida social da personalidade homenageada; e
- v) Fontes: as referências onde os dados foram obtidos.

Quadro 3: Modelo de ficha toponímica preenchida.

INFORMAÇÕES SOBRE O LOGRADOURO		
<p>Nome oficial no mapa do município: Rua David Nasser</p> <p>Nome anterior: Rua 3</p> <p>Localização: Bairro Planalto – Belo Horizonte</p>	<p>Legislação: 3325</p> <p>Código:</p> <p>Regional: Norte</p>	
IMAGEM DA PLANTA		FOTOS DAS PLACAS
		
DADOS		
PLANTA	PLACAS	ORAL
Rua David Nasser	1ª) David Nasser 2ª) David Nasser	1ª) Davi Nasser 2ª) Davi Nasse 3ª) Davi Nasser
<p>DADOS BIOGRÁFICOS:</p> <p>David Nasser (Jaú, 1 de janeiro de 1917 — Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1980) foi um compositor e jornalista brasileiro. Era filho de imigrantes libaneses. Logo criança mudou-se para Caxambu em Minas Gerais, onde fazia carretos com charrete, onde conheceu sem saber Francisco Alves. Um dia mudou-se para o Rio de Janeiro, onde começou como mascate e depois vendedor de loja. Na Cidade Maravilhosa, encontrou muitas dificuldades e sofreu bastante e acabou se reencontrando com Francisco Alves, daí em diante sua carreira foi decolando, pois Francisco Alves, se interessou pelos seus versos e acabou os musicando.</p>		
<p>FONTES:</p> <p>http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,david-nasser-o-reporter-que-inventava-a-noticia,20011104p4531</p>		

Elaborado pela autora.

TAXIONOMIAS REGISTRADAS

Dick (1990a, p. 31-34) propõe que os topônimos sejam classificados em duas categorias:

- a) Topônimos de natureza física, ou seja, aqueles nomes de lugares que foram motivados por características físicas de uma região;
- b) Topônimos de natureza antropocultural, isto é, aqueles nomes de lugares que foram motivados por fatores socioculturais.

Os dados referentes ao *corpus da* pesquisa se classificam como de natureza antropocultural. Nomeiam-se como *antropotopônimos*, *axiotopônimos*, *corotopônimos*, *sociotopônimos*. Destacam-se, em ordem decrescente de ocorrência, os seguintes:

- 1) *Antropotopônimos*: Topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Foram contabilizados 42 nomes (62% do total de dados). Desses 42 nomes, 31 (74%) são nomes de homens e 11 (26%) são nomes de mulheres. Do total, só um não aparece com nome completo (Mohamed). Todos os demais contam com prenome, acompanhado do apelido de família (sobrenome);
- 2) *Corotopônimos*: Topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Representam 25% dos dados, ou 17 nomes, a saber: Bagdá, Damasco, Egito, Jordânia, Líbano, Líbia, Marrocos, Meca, Monte Líbano, Palestina, República da Síria, República do Iraque, República do Líbano, Sinai, Síria, Suez, Tunísia.
- 3) *Axiotopônimos*: Topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. São apresentados 7 topônimos, o que corresponde a 10% do número total de dados: Comendador José Farah, Cônsul Antonio Cadar, Deputado Salim Nacur, Engenheiro Bady Salum, Jornalista Abrahão Sadi, Jornalista Eduardo Couri, Professor Lício Assad
- 4) *Sociotopônimos*: Topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade. Nessa *taxe*, foram contabilizados 3% dos dados, correspondendo a 2 topônimos: Jardim de Alá e Monte Sinai.

Sobre os logradouros e as profissões ocupações dos homenageados

Os 68 topônimos analisados nomeiam ruas, parques, avenidas e praças da cidade de Belo Horizonte. Foram contabilizados:

- a) 54 ruas;
- b) 8 praças;
- c) 4 avenidas; e
- d) 2 parques.

No banco de dados do Projeto ATEMIG, foram buscadas as profissões que os árabes da sociedade belo-horizontina (que, hoje, figuram como nomes de ruas) tiveram.

Esses foram somados aos 42 antropotopônimos e aos 07 axiotopônimos. Tal atitude se justifica pelo fato de os axios carregarem, junto ao seu nome, um título (Quadros 4 e 5).

Quadro 4: Quadro social dos Antropotopônimos.

	Antropotopônimos	Profissão/Ocupação
1	Abdala Fábio Couri	Engenheiro
2	Abrahão Caram	Tabelião
3	Adib Nacif Elias	Comerciante
4	Alessandra Salum Cadar	Não tinha profissão
5	Alzira Farah	Proprietária de fazendas
6	Angelina Moysés Safar	Empresária
7	Adib Nacif Elias	Comerciante
8	Camil Caram	Vereador
9	Carmo Couri	Não constam dados
10	Chafic Kassis	Cônsul
11	Cehade Nasser	Comerciante
12	David Nasser	Jornalista
13	Elias Kalil	Empresário
14	Elias Michel Farah	Não constam dados
15	Elias Mussi Abuid	Comerciante
16	Eugênia Nassif Nasser	Comerciante
17	Fábio Couri	Comerciante
18	Felipe João Bajur	Não constam dados
19	Fued Mansur Kfourri	Não constam dados
20	Haydee Abras Homssi	Comerciante
21	Helena Abdalla	Professora
22	Jamil Farah	Não constam dados
23	Jorge Kalil Abras	Comerciante
24	José Maria Alkimim	Ministro da Fazenda
25	José Sebastião Daher	Escrivão
26	Magi Salomon	Não constam dados
27	Maria Abdalla Ibrahim	Não constam dados
28	Michel Garib	Comerciante
29	Michel Jeha	Comerciante
30	Miguel Assad	Comerciante
31	Mikhail Nime Safar	Engenheiro
32	Mohamed	Não constam dados
33	Moysés Kalil	Comerciante
34	Mussi Elias Abuid	Comerciante
35	Nagib Jeha	Comerciante
36	Nascip Laktin	Comerciante
37	Roberto Kalil	Não constam dados
38	Rosinha Cadar	Comerciante
39	Saide Haddad Antônio	Comerciante
40	Salma Abdalla	Não constam dados
41	Salomão Sadi	Não constam dados
42	Stela Pena Mansur	Não constam dados

Elaborado pela autora.

Quadro 5: Quadro social dos Axiotopônimos.

	Axiotopônimos	Profissão
1	Comendador José Farah	Comerciante
2	Cônsul Antônio Cadar	Cônsul
3	Deputado Salim Nacur	Deputado
4	Engenheiro Bady Salum	Engenheiro
5	Jornalista Abrahão Sadi	Jornalista
6	Jornalista Eduardo Couri	Jornalista
7	Professor Lício Assad	Professor

Elaborado pela autora.

Sobre variação e mudança

Sobre esse item, foram observados 68 topônimos, tendo sido verificados:

- a) Existência de variação fonética (como esperado), uma vez que se trata de nomes estrangeiros; como é possível exemplificar no nome da Rua *Nagib Jeha* (nome oficial do logradouro), cujas variantes encontradas foram as ruas *Naguibi Jeha* e *Nagibi Jea*.
- b) Existência de variação gráfica nas placas, a maioria decorrente também de desconhecimento da grafia; como na Rua *Comendador José Farah* (nome oficial do logradouro), cuja variante encontrada foi Rua *Comendador José Fará*.
- c) Nas entrevistas orais, algumas pessoas conheciam as ruas pelos nomes anteriores, diziam usar ora um, ora outro, como ocorreu na Rua *David Nasser* (nome oficial do logradouro), também conhecida pelo nome *Rua 3* ou *antiga Rua 3*.

Esses 49 topônimos, referentes aos dois quadros acima, contabilizam-se, em dados numéricos e percentuais, como apresentado no Quadro 6. Pode ser verificado que a profissão de comerciante é a que predomina entre os árabes que figuram como nomes de ruas em Belo Horizonte.

Sobre o conhecimento dos moradores

Em se tratando dos *axiotopônimos* e dos *antropotopônimos*, foram realizadas 176 entrevistas orais, com o objetivo de saber se os moradores das ruas nomeadas pelas personalidades homenageadas sabiam ou não se tratar de pessoas de origem árabe.

Quadro 6: Sobre o conhecimento dos moradores.

Tabela de dados numéricos e percentuais		
Quem foi essa pessoa?	Total	Porcentagem
Alguém que morou no bairro	1	1%
Cônsul	4	2%
Descendente de árabe	1	1%
Descendente de turco	1	1%
Estrangeiro	28	16%
Filho (a) de imigrante	4	2%
Filho (a) de estrangeiro	2	1%
Filho de árabe	1	1%
Filho de turco	1	1%
Imigrante	33	19%
Imigrante Judeu	1	1%
Jornalista	3	2%
Morador da rua	1	1%
Muçulmano	1	1%
Não sabe	61	35%
Pessoa conhecida na cidade	1	1%
Pessoa homenageada	3	2%
Pessoa de prestígio	1	1%
Pessoa importante	11	6%
Pessoa que ajudou a cidade	1	1%
Pessoa querida	1	1%
Pessoa que trouxe contribuições à cidade	4	2%
Pessoa que teve destaque	1	1%
Pessoa que tinha profissão importante	1	1%
Presidente do Galo	2	1%
Político	2	1%
Professor(a)	4	2%
Uma senhora caridosa	1	1%
Total	176	100%

Elaborado pela autora.

Os resultados mostraram que 35% *não sabe de quem se trata*, 19% diz ser o nome de um *imigrante*, 16% de ser um *estrangeiro* e 6% de ser uma *pessoa importante*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo realizar um estudo toponímico de ruas da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, motivados por nomes de origem árabe. Depois de realizar levantamento dos nomes de ruas da capital, motivados por nomes árabes, foram confeccionadas fichas toponímicas, estudados os dados, consultadas as leis e decretos; e realizadas entrevistas orais. Foram registrados:

- a) Os antropotopônimos (topônimos motivados por nomes de pessoas) constituem a taxionomia predominante. Isso se deve ao papel social que essas pessoas exerceram na capital mineira, principalmente, no comércio;

- b) Em segundo lugar, os corotopônimos constituem uma das *taxes* preferidas. Na capital mineira, é bastante comum dar nome de países e cidades estrangeiras às ruas. Logo, se observarmos os decretos e leis e suas motivações, veremos que é uma prática comum do legislativo;
- c) Junto aos antropotopônimos, os axiotopônimos (topônimos motivados por títulos), vêm corroborar a importância dos nomes das pessoas nos logradouros urbanos. Na toponímia das cidades, parece que esta é uma prática bastante usual e que merece ser estudada, uma vez que, ao recuperar a história de um nome, recupera-se também a história de um povo;
- d) Os sociotopônimos constituem a quarta *taxe* encontrada no *corpus* da pesquisa, com 2 ocorrências;
- e) Uma vez que o comércio árabe da capital é dominado pelos homens e é essa a profissão da maioria das pessoas que hoje figuram como antropotopônimos em Belo Horizonte, era de se esperar que o gênero masculino prevalecesse;
- f) Os logradouros se constituem de ruas, praças, avenidas e parques. Esta pesquisa não incluiu os nomes de prédios; os quais, caso incluídos, aumentaria muito o número de topônimos;
- g) A pesquisa mostrou que os habitantes de Belo Horizonte têm pouco ou quase nenhum conhecimento sobre as pessoas que hoje figuram em placas nomeando suas ruas. Isso leva a pensar na importância de um trabalho toponímico para o resgate da memória cultural.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA A.M.P; ISQUERDO, A.N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: UFMS, 1998.
- CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia Brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1987**. 2.ed. São Paulo: Annablume, 1997, 393p.
- FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira. **A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011 (Dissertação de Mestrado inédita)

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo**, 2004. 368f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

- 1 SAPIR (1969, p. 43-62).
- 2 Neste trabalho, discute-se apenas alguns conceitos, que partem de uma perspectiva filosófica pelos pressupostos teóricos Eagleton (2005); Cenisk e Beltrame (2005); Chauí (2006); em interface com estudos lingüísticos Sapir (1961), a fim de comprovar que o léxico e a cultura estão intrinsecamente ligados. O objetivo não é traçar um conceito de cultura, mas sim, se apropriar de alguns conceitos construídos pelos teóricos citados para fundamentar o assunto a ser tratado.
- 3 Variação e mudança lingüística é o processo de modificação e transformação da língua conforme o tempo, espaço e registro. Essa variação é considerada como sistemática, regular e ordenada e leva em conta as relações entre a língua e os aspectos sociais e culturais.